

AS ILHAS FALKLAND (“MALVINAS”) E O NATURALISTA DARWIN (DA POSSE DAS ILHAS)

*Orlando Bastos de Menezes
Prof. Assistente do Dep.
de Ciências Biológicas.*

RESUMO

Este trabalho apresenta um esboço biográfico do naturalista Charles Darwin, homenageando-o no transcurso do 1º Centenário de seu falecimento (1882). Analisando o livro em que Darwin relata a viagem que empreendeu de 1831 a 1836, em redor do mundo, e na qual esteve quase dois anos na Argentina, inclusive visitando as ilhas Falkland em duas oportunidades, transcreve o autor observações de Darwin a respeito da Zoologia dessas ilhas e o contemporâneo testemunho do sábio, quanto ao direito de propriedade do arquipélago; este direito, o autor subordina-o ao caudilhismo reinante na Argentina, quando da ocupação das ilhas “Malvinas” pelos ingleses, em 1833, caudilhismo que originou o conflito anglo-argentino deste ano.

O recente conflito entre a Argentina e a Inglaterra, pela posse de um arquipélago situado no Atlântico Sul, pôs em evidência o nome das ilhas Falkland, como as denominam os ingleses, ou Malvinas, como as chamam os argentinos. Entre os pontos geográficos das ilhas, o noticiário jornalístico e televisionado registrou o nome de **Porto Darwin**, alvo inicialmente de bombardeios ingleses e, depois de lutas terrestres entre tropas das duas nações, reconquistado pelos seus

antigos donos, em seu avanço para a capital das ilhas onde, finalmente, se rendeu a ardorosa juventude argentina, ali estacionada, seduzida que fora pela chama de um nacionalismo mal dirigido e fomentado por uma ditadura militar em crise institucional.

Sabíamos, de leitura remota, que o grande naturalista inglês Charles Darwin, em suas andanças pela América do Sul, no segundo quartel do século passado, estivera nas ilhas Falkland; de sua estada resultou a homenagem prestada ao autor de **Origem das Espécies**, eis que foi batizada uma localidade do arquipélago com o nome de um dos maiores sábios da humanidade, Porto Darwin, de tão saliente evidência na guerra não declarada entre a Argentina e a Inglaterra.

Com a ação de surpresa, em abril deste ano, da Junta Militar que então governava a Argentina, e de que resultou a ocupação das ilhas Falkland, tidas como sendo de sua propriedade, detivemo-nos agora, já com outro e atual interesse, em nova e bem cuidadosa leitura do livro em que Darwin relata a sua viagem de quase cinco anos, por vários países do mundo, inclusive a sua permanência de cerca de dois anos na Argentina, em 1832-1834. Do manuseio de tal livro, **Viaje de un naturalista alrededor del mundo**, edição argentina datada de 1951, do livro de Darwin, **Voyage of a naturalist round the world**, e igualmente de uma edição brasileira condensada, dessa obra, nasceu o intuito de nos elucidar, não só quanto ao histórico do arquipélago Falkland, além do depoimento que, a propósito, faz em seu livro Darwin, que ali esteve em duas ocasiões, nos anos de 1833 e 1834, como também quanto ao passado tumultuário da então jovem República Argentina e do qual Darwin dá o seu testemunho. Isso, nós o fizemos na tentativa de situar, no tempo e no espaço, a reconquista das ilhas Falkland pelos ingleses, em 1833. Daí, a razão deste modesto subsídio à verdade histórica.

Numa homenagem ao naturalista Darwin, no primeiro centenário de seu falecimento (1882), precedemos aquele objetivo de um esboço biográfico do sábio, e de suas observações a respeito da Zoologia das ilhas Falkland.

I – A OBRA DE DARWIN

Charles Darwin nasceu na Inglaterra, em 1809, ano em que surgiu a obra de Lamarck, **Philosophie Zoologique**, pioneira na teoria do Evolucionismo, de que Darwin viria a se tornar a maior figura, 50 anos depois, com a publicação de **A origem das Espécies**.

Filho e neto de médico, foi Darwin induzido a estudar Medicina, carreira que não abraçou, pois abandonou muito cedo os estudos hipocráticos, como o fez com os estudos de Teologia, que também encetou, eis que os seus pendores eram

para as ciências naturais; seu professor de Botânica o apresentou ao capitão Fitz Roy, para viajar como naturalista, no navio *Beagle*, que deveria fazer um cruzeiro de vários anos, nos mares do hemisfério austral (Observações: 1 — do capitão, depois almirante Fitz Roy, deriva o nome de uma baía nas ilhas Falkland, onde os ingleses desembarcaram tropas, sob intenso bombardeio, no recente conflito. 2 — O nome *Beagle* liga-se ao do canal por cuja posse questionam argentinos e chilenos, sob o poder mediador do Papa João Paulo II).

Jovem de 22 anos, Darwin embarcou no navio de guerra *Beagle*, de 235 toneladas e com 10 canhões, como naturalista *sem salário*, para estudar a fauna e a flora, bem como a geologia, das regiões a serem visitadas pelo capitão Fitz Roy, em missão de preparar cartas oceanográficas e mapeamento dos portos em seu roteiro, a serviço do almirantado inglês. Em barco tão diminuto, face à tecnologia moderna, mas na época tido como apropriado para empreender tão ousada expedição (compare-se sua tonelagem com a do navio inglês *Queen Elisabeth II*, adaptado para transporte de tropas no conflito das ilhas Falkland: 66 850 toneladas), em tal barco passou Darwin de dezembro de 1831 a outubro de 1836, compartilhando a bordo da cabina do comandante, com exíguo espaço para seus livros e material coletado na excursão.

O navio *Beagle* esteve na *Bahia ou São Salvador*, de 29 de fevereiro a 18 de março de 1832; no Rio de Janeiro, de 4 de abril a 5 de julho, alcançando Montevidéu em 26 de julho de 1832; diz então Darwin que *“durante los dos años siguientes, el Beagle se ocupó en sondear las costas orientales y meridionales de América al sur del río de la Plata”*, tendo deixado a Terra do Fogo em 10 de junho de 1834; nesse entremeio, viajou Darwin por várias regiões da Argentina, tendo estado duas vezes nas ilhas Falkland, onde o *Beagle* ancorou no dia 19 de março de 1833 e, depois, em 16 de março de 1834. Deixando o sul da Argentina, o navio esteve no Chile, Peru, arquipélago de Galápagos e, posteriormente, numa longa travessia de 3 200 milhas, alcançou Taiti, em seguida, Nova Zelândia e Austrália; já regressando à pátria, Darwin esteve nas ilhas Keeling ou Cocos, situadas no Oceano Índico, cabo da Boa Esperança, ilhas de Santa Helena e Ascensão; a seguir, novamente Bahia, ficando quatro dias em Salvador, passando pela cidade de Recife, arquipélago de Cabo Verde, Açores, chegando finalmente à Inglaterra.

Voltando à Pátria, Darwin começou logo a escrever o *Jornal da viagem do Beagle*, publicando em 1837 o livro *Voyage of a naturalist round the world* (*Viagem de um naturalista ao redor do mundo*), cuja análise ora fazemos, nos tópicos não só referentes às ilhas Falkland, como também aos alusivos à estada de Darwin na Argentina; isso fazemos, em busca de elementos comprobatórios da posse do arquipélago Falkland.

Durante sua longa viagem, Darwin impressionou-se principalmente com a exis-

tência de animais nas ilhas Galápagos, cerca de 1 000 km do litoral do Equador, animais que representavam espécies sem similares em outras regiões do mundo; isso, e mais as observações de Darwin entre animais existentes em vários países e suas relações com fósseis animais encontrados nas mesmas regiões, tudo levou o naturalista a fazer conjeturas sobre a variabilidade das espécies, ao revés de sua fixidez.

Alguns meses após seu regresso à Inglaterra, Darwin leu, em outubro de 1838, a obra do economista patricio Thomas Robert Malthus, **Ensaio sobre o povoamento**, ou como em sua **Autobiography** Darwin denominou, **Malthus on Population**; nessa obra, o economista expôs uma teoria válida até à época atual, eis que a explosão demográfica do mundo leva à fome grande parte da população do globo, pois, segundo Malthus, o número de habitantes cresce em "*progressão geométrica*", enquanto que os elementos necessários à sua alimentação crescem em "*progressão aritmética*".

Alicerçado nos conceitos malthusianos, dedicou-se inteiramente Darwin aos estudos e pesquisas sobre a variação das espécies, tarefa árdua, numa época em que ainda predominava a teoria do fixismo das espécies, da qual o mais ilustre representante fora o sábio francês Cuvier, morto em 1832, quando Darwin se encontrava na Argentina; nos dois anos anteriores à sua morte, Cuvier sustentara luta memorável com o naturalista Geoffroy Saint-Hilaire, autor de **Principles de Philosophie Zoologique**, em 1830, e adepto da doutrina transformista de Lamarck; Cuvier e Saint-Hilaire discutiram suas idéias ante a Academia Francesa de Ciências, durante dois anos, num pleito que se tornou uma das mais brilhantes discussões jamais travadas entre homens de ciência; com sua dialética, Cuvier fez Saint-Hilaire silenciar, o que resultou no retardo, por alguns anos, da vitória da teoria evolucionista, alcançada em 1859, com a publicação do livro de Darwin, **Origin of Species (Origem das Espécies)**.

Para chegar à publicação do livro em que expôs suas idéias, e cuja primeira edição, de 1 250 exemplares, se esgotou no próprio dia do lançamento, levou Darwin 21 anos, acumulando milhares de observações em todos os setores da Biologia, fazendo experimentos para comprovação de suas hipóteses; chegou ele à conclusão de que os seres vivos descendem de troncos comuns, diferenciando-se gradativamente de seus ascendentes, numa perfeita evolução das espécies; delas, sobrevivem as mais aptas ou mais fortes, mercê de uma "*seleção natural*" baseada na "*luta pela vida*", a *struggle for life* celebrizada por Darwin.

Não parou o naturalista inglês naquela obra que o imortalizou e o transformou num dos maiores pensadores de todos os tempos; nove anos após, ampliou conceitos publicados em **Origem das Espécies**, editando em 1868 **The Variation of Animals and Plants under Domestication (Variação de Plantas e Animais Domésticos)**; não havendo Darwin se aprofundado anteriormente a respeito da origem

do homem, fê-lo em 1871, ao publicar *The Descent of Man (A descendência do Homem)*, livro em que discute a origem comum do homem e dos macacos antropóides.

Falecendo em 1882, há cem anos, foi seu corpo sepultado na Abadia de Westminster, onde jazem reis e grandes homens da Inglaterra. A Darwin, a nossa singela homenagem, no primeiro Centenário de seu falecimento.

II – ZOOLOGIA DAS ILHAS FALKLAND, SEGUNDO DARWIN (1833-1834)

Darwin esteve duas vezes nas ilhas Falkland, conforme já frisamos anteriormente, tendo o navio *Beagle* ancorado no estreito de Berkeley no dia 19 de março de 1833 e, depois, em 16 de março de 1834. Segundo ele, em seu livro, objeto desta análise, *“o arquipélago acha-se situado na mesma latitude que o estreito de Magalhães. Cobre uma superfície de 120 milhas geográficas por 60, correspondente a pouco mais de metade da Irlanda”*.

Descrevendo a ilha principal, diz Darwin que ela *“está atravessada por uma cadeia principal de colinas, formadas sobre todo de cuarzo, y de unos 2000 piés de altitud”*; revela que é a *“tierra ondulada, de aspecto desolado y triste”*; *“o terreno é uniformemente o mesmo pântano ondulante. A superfície cobre-se de mirrado capim pardacento e de poucos arbustos pequeninos, toda essa vegetação se projetando de um solo turfoso elástico”*. Darwin atravessou a ilha a cavalo, com dois companheiros, levando seis cavalos; registra ele que *“o solo em que pernoitávamos era sempre pantanoso, e não encontrávamos um só lugar seco onde nos pudéssemos sentar ao cabo de um dia de viagem”*. *“Toda a superfície do terreno estava coberta de lama pela quantidade de chuva que havia. Calculo que meu cavalo caiu, no mínimo, uma dúzia de vezes, e houve ocasião em que todos os seis animais se viram debatendo no lamaçal. Os pequenos córregos têm margem de turfa muito mole, o que torna difícil aos cavalos saltarem sem cair”*. *“Singular não haver absolutamente árvore alguma nesta ilhas, ao passo que a Terra do Fogo se cobre de frondosas florestas”*.

Os trechos acima, retirados das quinze páginas da edição argentina de *Viaje de un naturalista alrededor del mundo* e das três páginas da edição brasileira condensada, justamente as que tratam das ilhas Falkland, ordenamo-los numa seqüência que poderia representar uma reportagem feita nos tempos atuais, como no-lo demonstraram a televisão mundial e o noticiário jornalístico, durante o recente conflito anglo-argentino naquele arquipélago.

Do livro de Darwin e fazendo sua separação segundo os respectivos *“grupos”* zoológicos, transcrevemos a descrição e comentários sobre os animais das ilhas,

feitos pelo sábio naturalista.

I – MAMÍFEROS

A – Equinos

“Durante toda a nossa caminhada, só vimos uma tropa de cavalos selvagens. Foram, assim como o gado existente, introduzidos pelos franceses em 1764, desde quando se multiplicaram intensamente. Fato curioso é que os cavalos nunca se afastaram da ponta oriental da ilha, embora não houvesse nenhum empecilho que os obstasse de vaguear pela ilha, nem fosse essa parte mais sedutora que as outras”.

Questiona Darwin porque teria *“a propagação dos cavalos sofrido restrição”*; *“considerando que a ilha não parece estar completamente povoada e que não há feras inimigas de sua raça, interessei-me particularmente em saber que motivo teria impedido a sua procriação, que, no começo, havia sido rápida. Que numa ilha limitada em extensão, mais cedo ou mais tarde, adviesse obstáculo dessa natureza, era inevitável”.* De suas perquirições, concluiu Darwin que o fato se devia a vagarem os machos *“continuamente de lugar a lugar, exigirem que as fêmeas os acompanhassem, embora os potros pudessem ou não acompanhá-los”.*

“Todos os cavalos criados aqui, tanto os selvagens como os domesticados, possuem estatura pequena, embora se apresentem geralmente em boas condições”. Vaticina Darwin que *“em alguma época futura, o hemisfério sul provavelmente terá a sua raça de pôneis de Falkland, assim como o norte possui a sua criação de Shetland”.* A conjectura de Darwin se tornou realidade, segundo se depreende da afirmação de José Maria Beltran, em seu livro **Ganado Caballar**: *“en las islas Malvinas se produce otro poney, quizá más reducido que el anterior”* (quanto a este, o autor se refere ao pônei de Java, *“que solo alcanza 0,70 metros”*).

B – Bovinos

“O gado, em vez de se degenerar, como os cavalos, parece ter aumentado de tamanho, e conta-se em muito maior número que os primeiros” (...) *“mas diferem muito na cor, e coisa notável é ver-se como, nas diversas partes de uma só ilha como esta, predominem as cores mais variadas. Ao redor do monte Usborne, à altura de 300 ou 450 metros do nível do mar, predomina em metade das tropas a cor de chumbo, cor essa que não é comum nas outras partes da ilha. Próximo*

a Porto Pleasant prevalece o alazão, enquanto que ao sul do estreito de Choiseul (que quase divide a ilha em duas partes), o comum é verem-se animais com cabeça e patas pretas". "É singular o fato de que o gado cor de chumbo, embora vivendo em terra elevada, produza cria um mês antes que a outra raça escura que habita a parte mais baixa".

C – Canídeos

"O único quadrúpede nativo da ilha é o *Canis antarcticus*, grande raposa semelhante ao lobo, comum tanto nas Falkland oriental como na ocidental. Não tenho dúvida de que se trata de espécie peculiar, adstrita a este arquipélago, porque muitos caçadores de focas, índios e gaúchos" "que han visitado esas islas", "atestam que semelhante animal não se encontra em parte alguma da América do Sul".

"Tanto que eu saiba não há, em nenhuma parte do mundo, exemplo de área tão pequena de terra, afastada do continente, que possua quadrúpede aborígene tão grande, e que lhe seja peculiar. O número tem decrescido rapidamente e mesmo já foram banidos da parte da ilha que fica a leste do istmo, entre a baía de San Salvador e o estreito de Berkeley. Depois que as ilhas tiverem passado alguns anos regularmente colonizadas, esta raposa será, provavelmente, classificada como animal que desapareceu da face da terra".

A previsão de Darwin se realizou alguns anos após a sua estada na ilha, eis que a Enciclopédia Britânica registra o ano de 1875 como o último em que foi visto o "loup-renard of De Bougainville".

D – Leporídeos

"O coelho é outro animal que foi introduzido e também se tem dado otimamente. Por isso eles são abundantes em grande extensão da ilha. No entanto, como os cavalos, acham-se adstritos a certos limites, visto que não transpuseram a cadeia central de colinas". "Não haveria de supor que esses animais, nativos do norte africano, pudessem existir em clima tão úmido como este, onde é tão raro o sol, que só ocasionalmente amadurece o trigo".

2 – AVES

"Duas espécies de gansos freqüentam as Falkland. É comum a *Anas magellanica*, que se apresenta em pares e pequenos bandos por toda a ilha. Não emigram, mas fazem ninho nas ilhotas circunvizinhas. Supõe-se que tal aconteça pelo receio

das raposas, e é, talvez, por esse mesmo motivo que se mostram, ao anoitecer, tão esquivas e agitadas, quando, durante o dia, são tão mansas. A *Anas antarctica*, ou ganso-do-rochedo, assim chamado por viver unicamente na praia, é comum tanto aqui como na costa ocidental da América. É numeroso nas ilhas um pato ou ganso, grande, de cabeça semelhante a um cepo (*Anas brachyptera*) e que chega às vezes a pesar 11 quilos. Chamavam-no antigamente de cavalo de corridas, pelo modo extraordinário de patinhar e borrifar a água, mas hoje recebe mais apropriadamente, o nome de steamer ou barco de rodas. As asas são demasiadamente pequenas para permitir-lhes voarem (daí o nome científico da espécie, *brachyptera*: *brachys* = curto + *pteron* = asa - O. Menezes), mas, com seu auxílio, parcialmente nadando e parcialmente batendo a superfície da água, movimentam-se com muita rapidez"... "tenho para mim que o barco de rodas bate alternadamente e não simultaneamente, como as outras aves. Esses patos de cabeça de cepo, desajeitados, fazem tal rebuliço na água que é extremamente curioso observar os efeitos produzidos. O barco de rodas só é capaz de mergulhar a pequena distância. Alimenta-se exclusivamente de mariscos dos rochedos cobertos pela preamar e, conseqüentemente, possui surpreendente força no bico e na cabeça, destinada a romper as conchas. A cabeça é tão dura que quase não me foi possível parti-la com o martelo geológico, e os nossos caçadores logo verificaram quanto lhes custa morrer. Quando se põem, à tardinha, a alisar as penas, essas aves fazem o mesmo singular concerto de sons que entoam os sapos nos trópicos".

"Observei, um dia, um corvo-marinho que brincava com um peixe que apanhara. Oito vezes sucessivas deixou escapar-se a presa, imediatamente mergulhando em seu encaço e, se bem que fosse profunda a água, trouxe-a todas as vezes à tona novamente". "Não sei de nenhum outro caso em que a natureza mostre tão deliberada crueldade".

Refere-se Darwin ao pingüim-asno, assim chamado "devido ao hábito que tem, quando na praia, de atirar para trás a cabeça e produzir um som estranho, alto, muito parecido com o zurrar do burro".

3 – RÉPTEIS

"La ausencia de toda clase de reptiles constituye uno de los caracteres más notables de la zoología de este país, así como el de las islas Falkland. Y no es sólo en mis propias observaciones donde fundo esa aserción; los habitantes españoles de las Falkland me lo han asegurado así" (Observação: Darwin, em seu livro, se referia às regiões, como sendo "país"; no tópico acima, ele se refere à ausência de

répteis na Terra do Fogo, ao sul da Argentina, assim como nas ilhas Falkland)

III – HISTÓRICO DAS ILHAS FALKLAND E O TESTEMUNHO DE DARWIN

De Enciclopédias, livros de Geografia e História Universal, Dicionários de Biografias e artigos jornalísticos, colhemos os informes que damos a seguir e que se ligam tanto ao histórico das ilhas Falkland, como aos atribulados anos iniciais da vida independente da Argentina, época em que se deu a ocupação definitiva do arquipélago pelos ingleses.

A – Da Descoberta

A navegação para os Mares do Sul teve grande incremento com a descoberta por Fernão Magalhães, a soldo da Espanha e nos albores do século XVI, de um estreito ligando os oceanos Atlântico e Pacífico, ao sul da Argentina e que tomou o nome do grande navegador português. Numerosos capitães então sobressaíram, salientando-se Francis Drake, considerado um pirata, mas futuro almirante de sua Magestade Britânica, a rainha Elizabeth I. Outro grande navegador inglês e que se liga ao tema presente, foi John Davis (1550-1605), que atuara nos Mares do Norte, tendo explorado as costas da Groenlândia e dele provindo o nome do Estreito de Davis; ele atuou também nos Mares do Sul, quando descobriu, em 1592, umas ilhas situadas em uma latitude do hemisfério austral, aproximadamente a mesma que Londres, no Norte, ilhas essas que cerca de cem anos depois se chamariam de Falkland. Empreendeu Davis cinco viagens às Índias Orientais, tendo publicado dois livros que o credenciam como um navegador ilustrado, não um simples aventureiro: *Descrição hidrográfica do universo* e *Os segredos do marinheiro*.

B – Da Denominação das Ilhas e da Personalidade de Falkland

Durante quase um século, são omissos os registros sobre as ilhas, salvo o que nos dá a Enciclopédia Britânica, de haver o inglês Sir Richard Hawkins, em 1594, navegado pelas praias do litoral norte das ilhas. Em 1690, o navegador inglês John Strong descobriu o estreito que separa as duas maiores ilhas do arquipélago (foi esse estreito um dos mais comentados pontos geográficos, no recente conflito), batizando-o com o nome de Falkland, nome que se estendeu a todo o arquipélago.

Homenagearam, assim, Strong e os ingleses, o ilustre homem público de sua

pátria, morto pelo seu idealismo pacifista, Lucius Cary, segundo visconde Falkland (1610-1643); foi ele um estadista, chegando a ocupar o cargo de secretário de Estado do Interior, em 1642; Falkland foi nomeado pelo rei Carlos I, numa das mais violentas épocas de convulsões intestinas da história da Grã-Bretanha; absolutista, Carlos I entrou em luta contra o Parlamento, determinando a prisão de seus mais acatados membros; com a revolta do povo londrino, ante as prisões, o rei abandonou a capital, dando início às ações militares contra as forças do Parlamento, quadra que a história registra como a **Great Rebellion (Grande Rebelião)**. Falkland, cultor da liberdade intelectual contra a tirania espiritual, encarnada na pessoa de Carlos I, procurou negociar a paz entre as forças rivais; não obteve êxito, no entanto, tal a intensidade das divergências entre o absolutismo real e o puritanismo parlamentar, representado por Cromwell, o futuro "*Protetor da Inglaterra*". Desesperado ante o seu fracasso, procurou Falkland a morte em batalha, para o que se vestiu "*como se fora a um banquete*", avançando em campo aberto contra as balas inimigas, no dia 20 de setembro de 1643, na batalha de Newbury; ele tombou gritando: **A Paz! A Paz!**

C – Da Ocupação pelos Ingleses, em 1833

Como vimos anteriormente, as ilhas Falkland foram descobertas e navegadas pelos ingleses, não as tendo colonizado, inicialmente; fizeram-no os franceses, em 1764, quando Bougainville, comandando marinheiros de Saint-Malo, cidade da Bretanha, aportou às ilhas, para estabelecer uma colônia e estação marítima; os franceses fundaram Port Louis, na parte oriental das ilhas e de seu cognome, "*malouines*"; proveio o nome espanholado das ilhas, "*Malvinas*".

O gado bovino e os eqüinos, encontrados nas ilhas por Darwin, em 1833-1834, foram trazidos pelos franceses, conforme o naturalista afirmou, em seu livro sobre a "*Voyage*". No ano seguinte à chegada dos franceses, 1765, o capitão inglês John Byron (1723-1786) apossou-se da parte ocidental das ilhas, reclamando-as para a Grã-Bretanha; Byron deixou ali uma pequena guarnição, no forte que fundou no Porto Egmont, ao prosseguir, na fragata *Dolphin*, sua viagem pelos Mares do Sul, na qualidade de "*comandante-em-chefe de todos os navios de sua magestade das Índias Orientais*" (chegou a almirante, esse ilustre marinheiro, avô do grande poeta inglês, Lord Byron).

A Espanha, cuja coroa estava na época unida à de França, pelo chamado "*Pacto de Família*", conseguiu que Bougainville, ante a indenização de meio milhão de francos, abandonasse a parte oriental das ilhas. Pressionados pela Espanha, em 1770, os ingleses abandonaram Port Egmont.

O primeiro ministro inglês, Lord North, que ocupou o cargo durante doze anos (1770-1782), induziu a Jorge III, o primeiro rei verdadeiramente inglês da

dinastia de Hanôver, a pugnar pela posse das ilhas consideradas inglesas; o soberano enviou à Espanha o diplomata conde de Rockford (1717-1781), antigo embaixador em Madri, de 1763 a 1766 e perfeito conhecedor da política espanhola; como resultado de sua missão, o enviado real conseguiu firmar o Pacto Rockford-Masserano, de 1771, pelo qual a Espanha DEVOLVIA a colônia aos ingleses, que a reocuparam.

No entanto, à volta com a rebelião das 13 Colônias da América — núcleo dos futuros Estados Unidos da América do Norte —, principalmente a partir do *Tea Act*, em 1773, e que originou a *Crise do Chá*, com o conseqüente reforço das tropas da metrópole ali acantonadas, não pôde o governo inglês manter a sua colônia das ilhas Falkland, que foram abandonadas pela segunda vez, em 1774.

Dominada a Espanha pelas tropas napoleônicas, uma de suas conseqüências foi a rebelião lavrando intensamente nas colônias da América Espanhola, inclusive a destituição do vice-rei Hidalgo de Cisneiros, titular do Vice-Reinado do Prata, em 1810, proclamando-se a Independência da Argentina, seis anos depois. Apoderando-se os argentinos, em 1820, das ilhas Falkland, pois as creditavam como herança do domínio espanhol, o governador de Buenos Aires, Dorrego, em 1829 (não havia presidente da República, na ocasião), designou Louis Vernet, para governador das ilhas, segundo algumas das fontes de consulta antevistas no início deste capítulo; isso, inclusive, foi proclamado recentemente pela Junta ditatorial que governava a Argentina, ao comemorar festivamente e em plena guerra, defronte ao Palácio Presidencial, no dia 10 de junho, “o 153º aniversário da nomeação do primeiro governador argentino das Malvinas”.

Outra versão, no entanto, apresenta *La Grande Encyclopédie* (tomo 22, p. 1072), eis que, segundo ela, o governo argentino DEU A CONCESSÃO (grifo nosso) das ilhas a um criador de gado de Hamburgo, Louis Vernet, o qual se estabeleceu nas ilhas em 1829, com 40 colonos, até o dia em que, no ano de 1831, uma corveta norte-americana bombardeou e destruiu a colônia, em represália a desmandos de Vernet, aprisionando navios baleeiros dos Estados Unidos, ali aportados.

Finalmente, em janeiro de 1833, os ingleses voltaram a ocupar as ilhas, desta vez colonizando-as, durante quase século e meio, até o dia 2 de abril deste ano, quando as forças argentinas, impulsionadas por uma ditadura em crise, invadiram as ilhas e tomaram o lugar de seus donos, por um período em grande parte sangrento, de 73 dias, até à capitulação dos invasores.

D – Do Testemunho de Darwin e do Reconhecimento de Rosas

Em sua viagem pelo sul do continente americano, onde sua estadia foi de quase dois anos, o navio *Beagle* fundeu nas ilhas Falkland em duas ocasiões,

conforme diz Darwin, nas palavras da tradução argentina de seu livro (p. 220): “*El 1 de marzo de 1833 y el 16 del mismo mes de 1834 el Beagle echó el ancla en el estrecho de Berkeley, en la isla Falkland oriental*”. Portanto, Darwin esteve no arquipélago dois meses após a ocupação das ilhas pelos ingleses, em janeiro de 1833, data de sua chegada ao porto de Montevidéu. Essas circunstâncias dão ao naturalista a qualidade de contemporâneo da ocupação final inglesa e realçam a autoridade de seu depoimento, ao traçar a aligeirada apreciação histórica sobre a pertença das ilhas, assim:

España, Francia y Inglaterra se disputaron durante mucho tiempo la posesión de esas miserables islas; después quedaron deshabitadas. Entonces el gobierno de Buenos Aires las vendió a un particular reservándose el derecho de llevar a ellas a sus criminales, tal y como lo había hecho antiguamente España, pero cierto día Inglaterra se apoderó de ellas.

Está visto, pois, segundo a insuspeita afirmação do sábio Darwin, que o governo de Buenos Aires (não a presidência da República, na ocasião inexistente) VENDEU AS ILHAS A UM PARTICULAR, embora não o nomeasse o naturalista. Trata-se, seguramente, do criador de gado de Hamburgo, Louis Vernet, o qual teve a sua colônia destruída pelo bombardeio de uma corveta dos Estados Unidos, abandonando ele as ilhas, a seguir.

Assim, é de se concluir que as forças inglesas, ao ocuparem as ilhas Falkland pela TERCEIRA VEZ, em 1833, usaram do direito histórico que lhes outorgavam a descoberta e a bi-ocupação das ilhas, que lhes foram DEVOLVIDAS pela Espanha, 62 anos antes, pelo Pacto Rockford-Masserano; agindo desta maneira, os ingleses reouveram a sua propriedade VENDIDA INDEVIDAMENTE A UM PARTICULAR e JÁ SEM DONO, habitada, segundo Darwin, por “*una población cuya mitad por lo menos estaba compuesta de rebeldes y malvados*”.

Além da referência à posse das ilhas, transcrita acima, nenhuma outra alusão a respeito faz Darwin, em seu livro (tradução argentina) de quinhentas e noventa e uma páginas, das quais duzentas e seis são dedicadas à sua longa permanência na Argentina, de cerca de dois anos. Nem sequer há registro, ao menos, de queixumes contra a ocupação inglesa, por parte das numerosas pessoas com as quais o sábio conviveu, inclusive nas suas estadas em Buenos Aires, então com 60 mil

habitantes, segundo Darwin. Teve o naturalista, então, a oportunidade de se entrevistar com a maior personagem argentina da época, o general Juan Manuel Rosas (1793-1877), que fora recentemente governador de Buenos Aires (de 1829 a 1832), cargo a que ascendeu, após destituir o general Viamonte, posto por ele na vaga aberta na governadoria pelo fuzilamento do governador, coronel Dorrego, chefe “*federalista*”, pelo general rebelde Juan Lavalle, chefe “*unitário*”.

Empreendera Darwin, em setembro de 1833, uma longa viagem terrestre, a cavalo, de Bahia Blanca a Buenos Aires, numa distância de 640 km, enquanto a tripulação do navio *Beagle* fazia demoradas medições oceanográficas. Viajando Darwin em companhia de um guia gaúcho, diz que “*casi durante el trayecto se recorre un país inhabitado*”; em seu caminho, encontrou-se perto do rio Colorado com o acampamento do general Rosas, que se ocupava, à frente de tropas do exército, em perseguir e matar os índios “*arauucanos ou tribos pampas araucanizadas*”. Darwin mostrou ao secretário do general uma “*carta de recomendación que me ha dado el gobierno de Buenos Aires para el comandante de Patagones. Hacen llegar esa carta al general Rosas, que me envía un atentísimo mensaje*” (p. 86). Adiante, diz que “*el general Rosas expresó el deseo de verme, circunstancia que me proporcionó ocasión para que yo me felicitará andando el tiempo*” (p. 87). “*En el curso de la conversación, el general Rosas es entusiasta, pero, al mismo tiempo, está lleno de bueno sentido y de gravedad*”. “*Mi entrevista con el general terminó sin que él hubiera sonreído una sola vez, pero obtuve un pasaporte y permiso para servirme de los caballos de posta del gobierno, lo que me concedió de la manera más servicial*” (p. 89).

Assim, o testemunho do grande sábio, publicado no seu livro de viagem (1ª edição, em 1837, 2ª, em 1845), torna patente que nem o pró-homem argentino da época, o caudilho general Rosas, em conversa com Darwin, mantida oito meses após a ocupação das ilhas Falkland pelos ingleses, tratou desse assunto, parecendo ignorá-lo e não ter ressentimentos para com os ingleses, já que obsequiou o naturalista “*de la manera más servicial*”.

Rosas, na quadra final de sua vida, teve motivos para manifestar gratidão ao povo inglês, que o acolheu após a sua derrota na batalha de Monte Caseros, nas vizinhanças de Buenos Aires, em 1852, ante forças argentinas do general Urquiza, brasileiras e uruguaias, unidas para dar fim ao negro período de 17 anos, em que o caudilho Rosas governou tiranicamente a Argentina (chegou a “*colocar o próprio retrato nos altares das igrejas católicas*” — Enciclopédia Barsa), com tal selvageria que “*seu símbolo heráldico mazorca (espiga de milho), foi transformado por obra de um trocadilho irônico, em mas horca (mais força)*” (Von Hagen).

Derrotado, Rosas fugiu para Buenos Aires, refugiando-se na legação da Inglaterra, que o fez embarcar na fragata inglesa *Centaur*, com destino ao país europeu. Af, anos mais tarde, Darwin teve um cordial encontro com Rosas, em

Southampton, em cuja região o exilado possuía uma fazenda, vivendo como um *"respeitável e discreto gastrônomo, um sul-americano a gozar calmamente a paz da Inglaterra"* (Von Hagen), até a sua morte, em 1877, após 25 anos de exílio.

Uma demonstração do afeto e reconhecimento de Rosas à Inglaterra, ele que parece não se ter impressionado com a ocupação inglesa do arquipélago, em 1833, época em que era chefe dos exércitos em campanha contra os índios, temo-la no seu testamento, segundo o qual deveria legar *"ao Muito Ilustre lord visconde Palmerston"*, os apontamentos escritos *"durante sua permanência no Império Britânico sobre assuntos importantes"*, conforme revelou Rosas em carta ao ex-ministro do Interior do governo Dorrego, D. José Maria Roxas; este, em resposta a Rosas, em carta datada de vinte e quatro de janeiro de 1865, faz referência ao testamento do ex-ditador, mandando-lhe alguns documentos e suplicando-lhe que *"tenha a bondade de incluí-los de algum modo entre os apontamentos escritos por V. Exa."* Possivelmente Rosas não pôde cumprir o seu desejo, uma vez que lord Palmerston, primeiro ministro da Inglaterra, faleceu naquele mesmo ano de 1865, em outubro.

A carta do ex-ministro de Dorrego é uma *"longa missiva, referindo-se a questões passadas entre o Império e o Prata"*, isto é, entre o Brasil e a Argentina, anexando-lhe documentos, inclusive o contrato celebrado entre o governador Dorrego e o alemão Frederico Bauer, representante dos *"soldados alemães a serviço do Imperador do Brasil"*, para o seqüestro de D. Pedro I, o qual seria entregue *"amarrado a bordo de um veleiro corsário"* argentino, *"o brigue chamado Niger, ao mando do capitão Coe, de infame memória"*. (Observação: Gustavo Barroso, em seu livro *História Secreta do Brasil*, transcreve trechos da carta e afirma no rodapé da página trezentos e cinqüenta e dois, que *"esta formidável carta de José Maria Roxas está publicada na íntegra em Adolfo Saldias, "História de la Confederación Argentina, Ed. La Facultad, Buenos Aires, 1911, tomo I, p. 251"*).

IV – DO CAUDILHISMO ARGENTINO E AS ILHAS FALKLAND

Do testemunho de Darwin, revelando que as ilhas foram VENDIDAS A UM PARTICULAR, concluímos que essa VENDA se deveu à irresponsabilidade do governador de Buenos Aires, o caudilho Manuel Dorrego, que era a favor da autonomia das províncias argentinas, pois era *"federalista"*; estava então acéfala a presidência da República, com a renúncia, em 27 de junho de 1827, do presidente *"unitário"* Bernardino Rivadavia, que colocara *"Buenos Aires debaixo da autori-*

dade nacional, apesar das resistências provinciais" (Grande Enciclopédia Delta Larousse).

Segundo afirma o escritor e estadista argentino, Sarmiento, de quem falaremos posteriormente, "*La administración Dorrego no había resuelto ninguna de las cuestiones que tenían dividida la República, mostrando, por el contrario, toda la impotencia del federalismo. Dorrego era porteño, antes de todo. Qué le importaba el interior? El ocuparse de sus intereses, habría sido manifestarse unitario; es decir, nacional. Dorrego había prometido a los caudillos y pueblos todo cuanto podía, afianzar la perpetuidad de los unos y favorecer los intereses de los otros; elevado, empero, al gobierno, 'qué nos importa, decía allá en sus círculos, que los tiranuelos despoticen a esos pueblos? Qué valen para nosotros cuatro mil pesos anuales dados a López, dieciocho mil a Quiroga* (Obs.: trata-se de dois dos maiores caudilhos da Argentina — O. Menezes), *para nosotros que tenemos el puerto y la aduana que nos produce millón y medio, que el fatuo de Rivadavia quería convertir en rentas nacionales? ..*" (Sarmiento, p. 196).

Ao caudilho Dorrego, *porteño*, que lhe importava o interior? é o que perguntava Sarmiento; e nós perguntamos, que importava a esse caudilho a posse das longínguas ilhas "*Malvinas*", a ele que chamava de *fatuo* ao ex-presidente Rivadavia, porque desejava "*convertir en rentas nacionales*" a arrecadação da alfândega de Buenos Aires "*que nos produce millón y medio*" de pesos?

Não obstante o vulto da renda da Alfândega de Buenos Aires, o governador Dorrego se queixava da falta de dinheiro, dizendo que o ex-presidente Rivadavia deixara vazio o tesouro; concluímos que, para contrabalançar a penúria, Dorrego teria vendido as ilhas "*Malvinas*" a um particular. A queixa de Dorrego está expressa no livro de D. Manuel Puerreydon, *Escrito Histórico*, às páginas 179-180, segundo afirma Gustavo Barroso, em nota ao rodapé da página 354 de seu livro *História Secreta do Brasil*. São estas, as "*palabras textuais de Dorrego, em presença de D. Manuel Puerreydon*", referindo-se à guerra travada com o Brasil, a chamada "*Guerra da Cisplatina*" e cujo desenrolar desfavorável levava à renúncia o presidente Rivadavia: "*No podemos continuar la guerra. Rivadavia ha dejado el país en esqueleto, exhausto totalmente el tesoro. En el Parque no hay una bala que tirar a la escuadra enemiga. Hago esfuerzos inauditos para montar la fundición, no hay un fusil, ni un grano de pólvora, ni con que comprarla*" (Observação: Puerreydon foi o primeiro presidente da República; eleito pelo Congresso reunido em Tucumã, em 24 de março de 1816, para o cargo de "*Director Supremo*", renunciou em junho de 1819, em face à anarquia provocada pela rebelião dos caudilhos, principalmente Lopez, de Santa Fé e Ramirez, de Entre Rios).

A irresponsabilidade de Dorrego, a que fizemos alusão linhas atrás, deveu-se ao clima de agitações, revoluções e tiranias caudilhescas, que caracterizou os primei-

ros anos da vida das “*Provincias Unidas do Prata*”, transformadas em 1826 na República Argentina; Dorrego acabou vítima de tal clima, pois foi fuzilado a mando do general rebelde “unitário” Juan Lavalle que, em proclamação ao povo de Buenos Aires, disse que a história “*juzgará imparcialmente si el señor Dorrego ha debido o no morir, y si al sacrificarlo a la tranquilidad de un pueblo enlutado por él, puedo haber estado poseído de otro sentimiento que el del bien público. Quiera el pueblo de Buenos Aires persuadirse que la muerte del coronel Dorrego es el mayor sacrificio que puedo hacer en su obsequio*” (Sarmiento, p. 199).

O próprio Darwin, em suas prolongadas andanças pela Argentina, faz referências ao caudilhismo ali reinante; por exemplo, fazendo uma viagem de Buenos Aires à cidade de Santa Fé, “*situada a unas 300 millas a orillas del Paraná*”, diz que o governador da província, Lopez, o mesmo caudilho citado na fala de Dorrego, de linhas atrás, “*está desde hace diecisiete años en el poder. Esta estabilidad proviene de sus costumbres tiránicas, porque la tiranía parece adaptarse mejor, hasta ahora, a este país que el republicanismo. El gobernador López tiene una ocupación favorita: dar caza a los indios. Hace algún tiempo dió muerte a cuarenta y ocho y vendió a los hijos de éstos como esclavos a razón de veinte pesos por cabeza*” (p. 152).

De Santa Fé, dirige-se Darwin à cidade de Bajada, capital da província de Entre Rios; diz ele: “*en 1825 tenía la ciudad 6 000 habitantes y la provincia 30 000. No obstante, a pesar del pequeño número de sus habitantes, ninguna provincia ha sufrido revoluciones más sangrientas*” (p. 152).

Regressando a Buenos Aires, de volta à viagem acima referida, Darwin desceu de barco o rio Paraná, desembarcando no porto de Las Conchas, para prosseguir a viagem a cavalo, até à capital, para tomar o navio **Beagle**, próximo a zarpar de Buenos Aires; entretanto, foi o sábio obstado de entrar na capital, que encontrou cercada por forças rebeldes; dirigiu-se ele ao general-em-chefe dos rebeldes, que lhe disse “*que era imposible permitirme entrar en la ciudad*”; revelou-lhe Darwin “*das bondades que conmigo había tenido el general Rosas cuando me encontraba en el Colorado, y ese relato cambió las disposiciones respecto a mi como por arte de magia. Inmediatamente me dijeron que, aun cuando no era posible darme un pasaporte, se me permitiría rebasar la línea de centinelas*” (...) “*y al fin pude penetrar en la ciudad*” (p. 165).

Questionando sobre as causas da revolução que lhe tolhera os passos, argumenta Darwin: “*Apenas si existía pretexto para empezar esa revolución. Pero en un Estado que en nueve meses (febrero a octubre de 1820) había soportado quince cambios de gobierno – cada gobernador según la Constitución, era elegido para un período de tres años – sería poco razonable pedir pretextos*” (p. 165).

Além do testemunho que ora apresentamos, de Darwin, um estrangeiro em missão científica pelos quatro cantos da Argentina, nos primórdios da vida inde-

endente do país vizinho, o caudilhismo da época, que teria dado margem à VENDA das ilhas Falkland a um PARTICULAR, tem como principal historiador uma de suas vítimas, Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888); viu-se ele, aos 18 anos de idade, em 1829 (ano em que foram vendidas as "Malvinas") obrigado a exilar-se no Chile, onde viveu durante vários anos, naquele país alcançando destacadas posições, como professor universitário, especialista em assuntos educacionais. Publicou Sarmiento, em 1845, editado pela "Imprenta del Progreso", de Santiago, um livro famoso, verdadeiro libelo contra a tirania dos caudilhos de sua pátria; essa obra-prima do grande escritor, *Civilización y Barbarie*, também conhecida como *Facundo*, retrata a vida do caudilho Juan Facundo Quiroga, amigo e depois atraído pelo caudilho-mor Rosas. No Prólogo da edição argentina da obra que manuseamos, datada de 1952, diz Alberto Palcos que "*Facundo se incorpora a la lista de las obras destacadas en la literatura universal*". "*Es el primer escritor de Latinoamérica, el más recio, el más vigoroso*"; trata-se, segundo a "orelha" da Editorial "El Ateneo", impressora da edição em apreço, da "*historia de nuestra accidentada formación, exégesis sociológica de nuestras terribles luchas civiles y luminoso programa del porvenir nacional y el de América*".

Regressando a seu país, Sarmiento engajou-se nas forças que derrotaram o caudilho Rosas, na batalha de Monte Caseros; ocupou depois as elevadas posições de senador, ministro da Educação, governador de sua província natal (San Juan), culminando com o cargo de presidente da República (1868-1874), sendo então seu lema, "*governar é educar*".

De *Civilización y Barbarie*, extraímos alguns trechos sugestivos sobre os efeitos do caudilhismo na Argentina:

"Para hacer sensible la ruina y decadencia de la civilización, y los rápidos progresos que la barbarie hace en el interior, necesito tomar dos ciudades: una ya aniquilada, la otra caminando sin sentido a la barbarie; La Rioja y San Juan" (p. 115). Quanto à cidade de La Rioja, diz Sarmiento que "*cuando principió la revolución de 1810, contaba con un crecido número de capitalistas, y personajes notables que han figurado de un modo distinguido en las armas, en el foro, en la tribuna, en el púlpito*" (p. 116); em 1845, quando publicou *Facundo*, diz Sarmiento que a cidade então sequer possuía um médico, um advogado, um juiz, qualquer "*escuela de primeras letras*" e a sua população diminuiria de metade, só havia "*mil quinientas almas*" (p. 117-118).

Falando sobre a cidade natal de San Juan, de cuja província foi governador, antes de ser presidente da República, em 1868, diz o historiador e sociólogo Sarmiento, que "*el año de 1831, emigraron a Chile doscientos ciudadanos, jefes de familia, jóvenes, literatos, abogados, militares, etc*" (p. 120).

Tendo feito uma descrição de como se encontravam, quando escreveu seu livro, em 1845, as duas cidades acima, Sarmiento estendeu o quadro desolador às

outras cidades, ao considerar que *“esta es la historia de las ciudades argentinas. Todas ellas tienen que reivindicar glorias, civilización y notabilidades pasadas. Ahora el nivel barbarizador pesa sobre todas ellas. La barbarie del interior ha llegado penetrar hasta las calles de Buenos Aires. Desde 1810 hasta 1840 las provincias que encerraban en sus ciudades tanta civilización, fueron demasiado bárbaras, empero, para destruir con su impulso la obra colosal de la revolución de la independencia”* (p. 123).

Na obra de Sarmiento, que retrata com riqueza de pormenores o caudilhismo argentino, fazendo o histórico da Nação, em suas oitocentas e vinte e sete páginas, relidas agora por nós com outra atenção, como o fizemos com o livro sobre a *“voyage”* de Darwin, não encontramos uma linha sequer registrando algo sobre as ilhas *“Malvinas”*, seja a sua VENDA A UM PARTICULAR, conforme revela Darwin, ou a nomeação de seu primeiro governador, pelo governo de Buenos Aires, como querem os argentinos; isso demonstra como a ocupação do arquipélago, em 1833, pelos ingleses, nenhum relevo teve ante o povo, imerso então nas misérias de um regime caudilhesco.

Cerca de 150 anos depois, o quadro panorâmico mudou radicalmente de tons, eis que o povo argentino viveu recentemente intensos dias de exarcebação patriótica, insuflada pela ditadura caudilhesca de uma Junta Militar, no intuito de reaver o que lhe não pertencia, o arquipélago das *“Malvinas”*, quadro esse bem retratado em artigo recente (23 de julho de 1982), pelo grande pensador e líder católico Tristão de Athaide, assim: a partir do *“consulado peronista”*, iniciado em 1946, *“entraram em colapso as precárias instituições democráticas e a liberdade se curvou à exaltação da autoridade arbitrária. O caudilhismo, de herança feudal, se juntou ao cesarismo fascista, ambos desvirtuando os mais puros ideais socialistas, começando então a trágica comédia militarista que se abateu sobre a América Latina”*.

Continua Tristão de Athaide: *“Se esse reacionarismo militarista se alargou por todo o mundo latino-americano, foi naturalmente na Argentina, a mais européia da latinidade ibero-americana e, de certo modo, a mais civilizada, rica e racista, que ele se implantou de modo mais radical. Daí o delírio de poder que se apoderou de um general politicamente despreparado e o levou a iludir um grande povo, arrastando-o a uma aventura de tão grandes conseqüências humanas”*.

Oue o ideal pacifista do patrono das ilhas, Falkland, pelo qual ele se imolou, ilumine os dirigentes argentinos, para o bem de seu grande povo, ante o grito do estadista inglês, ao morrer: a Paz! a Paz!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHAYDE, Tristão, pseud. [Lima, Alceu Amoroso] *Os heróis e os vilões*. Jornal da Bahia, Salvador, 23, jul. 1982. 1. cad., p. 4.
- BARROS, A. *Curso de biologia*. 18. ed. São Paulo, Nobel, 1973. 185 p.
- BARROSO, GUSTAVO. *História secreta do Brasil: Do descobrimento à abdicação de D. Pedro I*. 3 ed. São Paulo, Nacional, 1939. 369 p. (Brasiliãna. Série 5ª Biblioteca Pedagógica Brasileira, 76).
- BELTRAN, J. M. *El Ganado Cabalar*. Barcelona, Salvat, 1954. 390 p.
- CHAMBERS'S BIOGRAPHICAL DICTIONARY. The great of all nations and all times. London, W. & R. Chambers, 1946. 1006 p.
- COLLIER'S ENCYCLOPEDIA. New York, P. F. Collier, 1954. 20 v.
- DARWIN, C. *Viagem de um naturalista alrededor del mundo*. Buenos Aires, El Ateneo, 1951. 591 p.
- *Viagens de um naturalista ao redor do mundo: trechos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, [s.d.] 135 p.
- DICIONÁRIO BIOGRÁFICO. São Paulo, Abril Cultural, 1972. 2 v.
- THE DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY. London, Humphrey Milford, 1937-1938. 22 v.
- ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro, Delta, 1960. 15 v.
- ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, [s.d.] 20 v.
- ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL. São Paulo, E. Pedagógica Brasileira, 1969. 10 v.
- ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO-AMERICANA. Bilbao, Espasa-Calpe, [s.d.] 70 v.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Chicago, The University of Chicago, 1949. 24 v.
- THE ENCYCLOPEDIA AMERICANA. New York, Americana Corporation, 1945. 30 v.
- ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro, Encyclopaedia Britannica, 1966. 16 v.
- FELLER, F. X. de. *Biographie universelle ou dictionnaire historique des hommes qui se sont fait un nom*. Paris, J. Leroux, Jouby, 1849. 8 v.
- GRAN ENCICLOPEDIA DEL MUNDO. Bilbao, Duran, 1968. 21 v.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro, Delta, 1974. 15 v.
- LA GRANDE ENCYCLOPÉDIE. Paris, Larousse, [s.d.] 31 v.
- HAGEN, V. W. VON. *A América do Sul os chamava: Explorações dos grandes naturalistas: La Condamine-Humboldt-Darwin-Spruce*. São Paulo, Melhoramentos, [s.d.] 334 p.
- MENEGOTTO, M. & AZEVEDO, A. C. P. *Biologia geral*. 5. ed. Porto Alegre, Pont. Univ. Cat. R.G.S., 1973. 415 p.

- NUEVA GEOGRAFIA MARIN. Barcelona, Editorial Marin, 1968. p. 480-481. v. 6
América y las zonas polares.
- ONCKEN, G. *Historia Universal*. Barcelona, Montaner y Simón, 1934. 46 v.
- PERRIER, R. *Cours élémentaire de zoologie*. 4. ed. Paris, Masson, 1908. 864 p.
- PESSOA, O. F. *Manual de biologia*. 2. ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960. v. 2
822 p.
- PIJOAN, J. *Historia del mundo*. Barcelona, Salvat, 1955. 5 v.
- PIRENNE, J. *Historia universal: Las grandes corrientes de la historia*. Barcelona, Lec
1954. 5 v.
- PIZON, A. *Précis d'histoire naturelle*. 5. ed. Paris, Octave Doin, 1923. 831 p.
- ROGERS, J. S. et alii. *Man and the biological world*. 2. ed. New York, McGraw-Hi
Book, 1952. 690 p.
- SARMIENTO, D. F. *Civilización y barbarie: Trilogía de Quiroga-Aldao-El Chacho, A
defensa, Recuerdos de provincia*. Buenos Aires, El Ateneo, 1952. 827 p. (Colecció
clásicos inolvidables).
- STRAUSBAUGH, P. D. & WEIMAR, B. R. *General biology*. 3. ed. New York, Joh
Wiley, 1954. 813 p.